



**O papel do WhatsApp nas eleições de 2022:
uma análise do bolsonarismo**

**WhatsApp's role in the 2022 elections:
an analysis of bolsonarismo**

Felipe Erlich¹
Carlos Eduardo Souza Aguiar²

Resumo: Este artigo analisa mensagens enviadas em um grupo de WhatsApp pró-Bolsonaro durante o período eleitoral em que o então presidente buscou sua reeleição, entre 16 de agosto e primeiro de novembro de 2022. A partir de 12.371 mensagens de texto, arquivos de áudio, imagens e vídeos coletados ao longo de dois meses e meio de observação netnográfica, buscou-se investigar a atuação da militância bolsonarista na rede e sua recepção aos principais acontecimentos que marcaram a campanha. Os resultados consistem numa análise qualitativa dos dados coletados que denota como esses sujeitos concebem a política e agem nela.

Palavras-chave: Bolsonarismo; WhatsApp; eleição; netnografia; extrema-direita.

Abstract: This article analyzes messages sent in a pro-Bolsonaro WhatsApp group during the electoral period in which the then-president sought re-election, between August 16 and November 1, 2022. Based on 12,371 text messages, audio files, images, and videos collected over two and a half months of netnographic observation, the aim was to investigate the involvement of Bolsonaro supporters in the network and their reception of the key events that marked the campaign. The data indicate how these subjects conceive politics and engage in it.

Keywords: Bolsonarismo; WhatsApp; election; netnography; far-right.

¹ Estudante do curso de Jornalismo da Faculdade Casper Líbero. E-mail: felipe.erlich@al.casperlibero.edu.br

² Orientador do trabalho. Pós-doutorando da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: cadu.s.aguiar@gmail.com



Introdução: contexto político e tecnológico do bolsonarismo

Como sacramentado pelas eleições gerais de 2018, as mídias digitais ocupam um espaço central na construção da realidade política brasileira, moldando o imaginário nacional acerca da esfera pública e ressignificando conceitos que antes possuíam maior consonância entre diferentes parcelas do eleitorado. Naquele ano, um candidato que operava às margens da Câmara dos Deputados, no chamado baixo clero da casa legislativa, e cujo tempo de propaganda eleitoral gratuita, em rádio e televisão, era ínfimo em comparação ao de seus principais adversários, chegou ao mais alto cargo da República. Dessa conjuntura então inédita na história brasileira, concluiu-se que o *modus operandi* de Jair Bolsonaro, permeado pela instrumentalização massiva do digital a fim de desinformar o eleitorado (SANTOS *et al*, 2019), contribuiu para sua vitória. Noutro recorte no tempo, o da campanha eleitoral de 2022 à Presidência, as mesmas mídias apresentaram relevância e funções comparáveis às de quatro anos antes, de modo a perpetuar características da lógica comunicativa do bolsonarismo mesmo que, em última instância, tenha sido menos exitosa dada a derrota de Bolsonaro nas urnas.

O ganho de protagonismo das grandes plataformas digitais na política é, em parte, explicado por fenômeno anterior, a derrocada de instituições antes tidas como “guardiãs da verdade” -- a mídia tradicional e a academia. Como elaborado por Moretzsohn (2021), o fato de hoje qualquer pessoa conectada à internet poder publicar o que quiser, aliado ao imediatismo do senso comum, estimula um novo sistema de amparo a crenças – balizado pelas grades plataformas digitais e facilitador da circulação de informações falsas. Nesse contexto e em meio a uma que vive uma proliferação de organizações de *fact checking*, a mídia tradicional tem estimulado a checagem de informações duvidosas por parte dos usuários. Contudo e como bem lembra a autora, tais esforços partem da premissa de que os usuários buscam informação fidedigna e, portanto, apenas carecem de instrução para encontrá-la nas redes. “O problema parece ser bem mais complexo, porque decorre da força do autoengano, que se alimenta da irreflexão” (MORETZSOHN, 2021). Com isso, lança-se luz à problemática de que parte do público não busca a informação fidedigna e imparcial simplesmente, mas tem nas redes sociais uma ferramenta de sinalização e confirmação de virtudes já existentes, caracterizando uma



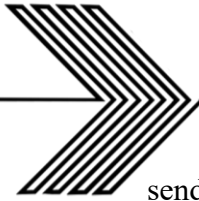
espécie de espiral narcísica que, dada sua falta de abertura ao contraditório, estimula a radicalização.

Dentre as múltiplas plataformas digitais pertencentes ao rol de ferramentas eleitorais do bolsonarismo, há de se dar atenção especial ao WhatsApp, sobre o qual o presente artigo se debruça. Trata-se da mais popular dentre todas as redes sociais no Brasil, além da principal plataforma do tipo para consumo de notícias no país, como apontado pelo Digital News Report 2023³, do Instituto Reuters. Com ampla penetração popular, tal mecanismo constitui num dos campos mais prolíficos para a desinformação política. A apropriação do WhatsApp como ferramenta política pelo bolsonarismo o aproxima de demais representantes da Nova Direita global. Notoriamente, a recente renovação do campo da direita, seja no Brasil ou em países como os Estados Unidos da América, infere não apenas na perda de apreço pelo regime democrático por parte desse campo, mas também no uso estratégico das ferramentas características do século XXI, ligadas à internet.

O desejo de volta a um passado supostamente glorioso presente em manifestações da Nova Direita a confere tom reacionário. No caso brasileiro, o saudosismo em relação ao período da ditadura militar (1964-1985) é exemplo do aspecto reacionário do bolsonarismo. Partindo da caracterização do fascismo proposta por Stanley (2018), a descrição mítica da ditadura militar por apoiadores de Jair Bolsonaro os aproxima dessa ideologia. Outros elementos do pensamento pró-Bolsonaro que integram a natureza fascista, também utilizando a caracterização do autor, incluem o anti-intelectualismo, a defesa de medidas repressivas contra “adversários naturalmente maus” a fim de preservar a ordem, além da adoção de discursos comprovadamente desconexos da realidade.

Além dos elementos dessa ideologia já apresentados, também vale destacar que o bolsonarismo consiste na mais bem sucedida tentativa de uma ideologia de extrema-direita em mobilizar massas populares do país. Agremiações de inclinação relativamente direitista que marcaram a história, como a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) não despertaram o mesmo entusiasmo de parte das classes sociais mais baixas. Apesar de não ser a primeira escolha da população pobre do país, esta

³ Segundo o Digital News Report 2023, publicado pelo Instituto Reuters em junho de 2023, o WhatsApp é a rede social mais utilizada para consumo de notícias no Brasil, com 43% das menções. Acesso: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-06/Digital_News_Report_2023.pdf



sendo Luiz Inácio Lula da Silva⁴, a capacidade de mobilização de eleitores de renda relativamente baixa – maioria na população brasileira -- por Jair Bolsonaro é notável em perspectiva histórica.

As recentes transformações na política brasileira, que se inclinou à direita (NICOLAU, 2020), são tamanhas que a defesa aberta da desigualdade entre os indivíduos se tornou mais socialmente aceita. Elencada por Bobbio (1994) como a característica definidora da direita política, a valoração positiva da desigualdade era há pouco quase universalmente rechaçada no Brasil. Com a guinada à esquerda do país a partir da Constituição de 1988, culminando na ascensão de partidos então progressistas, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o PSDB, o conservadorismo social perdeu fôlego no debate público. Em paralelo à instrumentalização das mídias digitais em seu favor, a direita voltou a ser “pop”.

A fim de analisar a atividade bolsonarista em grupos de mensagens durante o período eleitoral de 2022, este artigo se encontra dividido em quatro seções. São elas: esta introdução e contextualização, a metodologia de pesquisa, a apresentação e análise dos achados, e, por fim, relato de episódio indicativo de perspectivas para o bolsonarismo.

1. Metodologia

Dada a importância que o WhatsApp teve para a difusão de ideais bolsonaristas no período que antecedeu a eleição presidencial de 2018, de modo a contribuir para a vitória de Jair Bolsonaro, esta pesquisa partiu de inquietação referente a como seria o comportamento desse ambiente digital no contexto da campanha pela reeleição do então presidente.

A investigação da atividade bolsonarista no WhatsApp foi possibilitada por dados obtidos através da técnica de etnografia virtual, ou netnografia, que adapta a acepção tradicional dessa metodologia ao ambiente das redes digitais. Segundo Godoy (1995), a pesquisa etnográfica “abrange a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo) e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo.” Mesmo quando

⁴ Pesquisa do instituto DataFolha para o segundo turno da eleição presidencial de 2022: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/10/31/intencao-de-voto-presidente-2-turno.pdf>



debruçada em uma comunidade on-line, trata-se de uma abordagem de caráter um tanto quanto artesanal, baseada essencialmente na observação empírica e não em tecnologias que automatizam processos. Uma vantagem do método, segundo André (2012), é possibilitar uma análise qualitativa ampla de fenômenos sociais complexos, com identificação de padrões subjacentes. Como também apontado pelo autor, por outro lado, abre margem para interpretações mais subjetivas do que outras abordagens, com o viés do pesquisador mais suscetível a “contaminar” achados. Contudo, dadas as qualidades do bolsonarismo no WhatsApp -- podendo ser descrito como um verdadeiro microcosmo tamanhas suas particularidades culturais -- concluiu-se que o esforço netnográfico era oportuno.

O período de observação da atividade bolsonarista no WhatsApp teve início em 16 de agosto de 2022, quando se iniciou a campanha eleitoral como oficializada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A data limite da coleta de dados foi primeiro de novembro de 2022, quando, após dois dias de relutância, Bolsonaro se pronunciou frente à sua derrota. Assim, totalizaram-se 78 dias de observação.

Uma vez que o recorte temporal da pesquisa é considerável, optou-se por acompanhar com afincos um único grupo, não vários. Por conta de o ambiente on-line em questão ser estranho ao pesquisador, iniciou-se uma busca por grupos públicos, do tipo que se consegue entrar através de um link de compartilhamento, sem a necessidade de ser convidado diretamente. Nota-se que, no WhatsApp, há grupos de diálogo aberto, em que todos os participantes podem enviar mensagens, e outros em que apenas o(s) administrador(es) tem esse direito. Buscou-se apenas o primeiro tipo, pois esse possibilita interações mais profícuas entre todos os membros, com indagações, réplicas, tréplicas, entre outras formas de diálogo.

Também partiu-se do pressuposto de que, quanto mais membros, melhor, já que seria apenas um grupo analisado e uma quantidade maior de pontos de vista poderia enriquecer os achados. Ressalta-se, contudo, que, independentemente do número de participantes, se tratou de uma amostra não probabilística por conveniência, limitada em termos de representatividade pelo porte da pesquisa, mas não aleatória.

Com o bolsonarismo sendo uma tendência política de abrangência e relevância nacional, também foram privilegiados grupos que tivessem alguma diversidade regional entre seus membros. Para isso, foram descartados os que tinham algum elemento regional em seu nome,



como grupos de apoio ao então candidato ao governo de São Paulo Tarcísio de Freitas, e os números de Discagem Direta à Distância (DDD) dos membros também foram observados.

Estabelecidos os requisitos supracitados, foi iniciada a procura. Todos os links para ingresso em grupos foram adquiridos através de sites e páginas de Facebook pró-Bolsonaro, que se mostram o terreno de mais fácil acesso a links do tipo. O pesquisador adentrou num total de 14 grupos dessa forma e, segundo seus critérios, elegeu um para o monitoramento.

Foi selecionado um grupo nomeado “Vem que têm”, criado em julho de 2022 a partir de uma comunidade homônima no Facebook. A página de Facebook do “Vem que têm” possuía 61 mil seguidores em agosto de 2022 e a seguinte autodescrição: “Esta página é voltado ao pensamento da direita política, de total apoio ao Presidente Jair messias B” (sic). Já o grupo de WhatsApp contava com 91 membros no momento em que adentrado pelo pesquisador, tendo apresentado pouca variação na quantidade de membros ao longo do período de observação. Por sua vez, o grupo dispôs da seguinte autodescrição: “Galera esse é o grupo da página vem que têm, seja bem vindos e fiquem a vontade pra fazerem postagens, obs: com o pensamento da direita conservadora, estamos junto por um Brasil melhor” (sic). Emoticons, como o da bandeira do Brasil, e o nome do criador do grupo, ambos presentes na citação, foram suprimidos por incompatibilidade com o formato deste documento e manutenção da privacidade do sujeito.

A fim de preservar os dados, as mensagens enviadas pelos participantes do grupo ao longo dos 78 dias foram exportadas para o armazenamento em nuvem, funcionalidade do próprio WhatsApp, gerando um arquivo de texto em extensão “.txt” com 12.371 linhas, cada uma referente a uma mensagem – o que inclui texto, áudio, imagens e vídeos. As mensagens de áudio, imagens e vídeos, contudo, são incompatíveis com o formato em questão e, portanto, ficaram marcadas como “arquivo de mídia oculto”, o que contabilizou 5.049 linhas do arquivo. De todo modo, as imagens e vídeos enviados no grupo eram armazenados automaticamente no dispositivo celular do pesquisador ao longo do período de observação, possibilitando que fossem analisadas a qualquer momento.

O pesquisador entrou em contato com os dados enviados no grupo algumas vezes a cada semana de observação, sem uma periodicidade fixa e conforme sua disponibilidade. O monitoramento se deu de maneira completamente manual, através da leitura dos conteúdos verbais e audiovisuais em questão e sem grande auxílio de tecnologias alheias ao WhatsApp. A



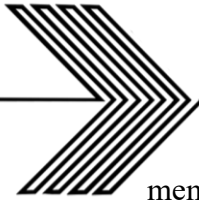
exceção nesse sentido foi o uso de um gerador de nuvem de palavras a fim de mapear e ilustrar visualmente os termos mais empregados na conversa. Buscou-se na análise dos dados, fundamentalmente qualitativa, caracterizar os atributos essenciais do discurso bolsonarista no contexto do grupo, indicativo da maneira como a ideologia em questão opera no WhatsApp.

Quanto à questão da privacidade, não apenas dos sujeitos pesquisados, mas também do pesquisador, buscou-se ocultar dados capazes de identificar os envolvidos. Antes de entrar no grupo, a foto de perfil e nome completo do pesquisador no WhatsApp foram ocultados daqueles que não possuíam seu contato salvo em agenda telefônica. Assim, garantiu-se que os bolsonaristas não fossem capazes de o identificar por esses meios. Ao mesmo tempo, o nome de nenhum bolsonarista sequer foi registrado pelo pesquisador ao longo do período de observação. Tal informação foi considerada irrelevante, visto que a identificação de usuários específicos já era possível através de seus números telefônicos.

2. Resultado do monitoramento

Foram pouco mais de onze semanas de observação. No período, 12.371 mensagens foram enviadas ou encaminhadas ao grupo, incluindo textos, áudios, imagens e vídeos. Como indicado por Ratier (2021), conteúdo autoral é comumente minoritário em ambientes digitais desse cunho. Imagens e vídeos enviados, em geral, não tiveram aquele que os enviou como seu autor, tratando-se de encaminhamentos. O caso é diferente quanto às mensagens em texto, com tanto não-autorais quanto autorais representando parcela substancial do total. Sobre essas últimas, vale destacar que a maioria consistiu em membros comentando conteúdo -- frequentemente imagens ou vídeos -- enviados por demais membros.

Um questionamento que surgiu em meio ao processo de idealização da pesquisa foi de qual é o propósito de grupos de apoio a Bolsonaro para aqueles que os compõem. A resposta pode parecer óbvia e simples: a própria maneira através da qual os grupos são descritos (apoiar Bolsonaro). Entretanto, trata-se de algo complexo. No monitoramento realizado nesta pesquisa foi possível notar um suposto desejo de parte dos membros de se informar sobre política num ambiente que considerassem ponderado e imparcial. Em sua visão, a mídia tradicional seria tendenciosa à esquerda política, quando não ao lulopetismo em si. Dessa maneira, parte dos

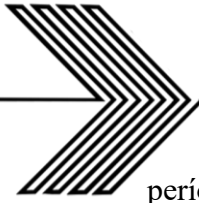


membros do grupo bolsonarista pareciam procurar informações que julgassem confiáveis. O que se nota, todavia, é a ultrapartidarização de narrativas. Em momento algum Jair Bolsonaro foi acusado de ter cometido qualquer erro crasso ou ação mal intencionada, características que não são aplicáveis a nenhum ser humano, apenas a deuses ou demais seres mitológicos. Não à toa seus seguidores aguerridos costumam chama-lo de mito.

A partir desse cenário, concluiu-se que uma das muitas funções possíveis para grupos como esse, no ponto de vista de seus membros, é a de reafirmação de supostas virtudes, como indicado por Moretzsohn (2021). Dessa maneira, os membros estariam voluntária ou inconscientemente se fechando numa espécie de clube onde é preciso ter uma ideologia muito particular para ser incorporado. Nesse sentido, destaca-se o fato de que críticos ao bolsonarismo que são identificados nesses espaços são rapidamente removidos, como observado no presente estudo. A intenção não poderia ser outra que não fechar a cerca que limita a convivência com a alteridade, com os "outros".

A demarcação do “outro” se mostrou particularmente presente ao longo do acompanhamento das conversas. Notoriamente, a divisão entre “nós” e “eles” (outros) é uma das principais características do autoritarismo, do populismo e do fascismo. No caso da extrema-direita brasileira, e especialmente no contexto das eleições presidenciais de 2022, os “outros” são Luiz Inácio Lula da Silva, o petismo, a esquerda política e todo aquele que é considerado demasiadamente crítico ao presidente Jair Bolsonaro; em ordem decrescente de especificidade. Quanto menos específica a definição do “outro”, maior o espaço para julgamentos arbitrários. Afinal, o quão crítico de Bolsonaro é preciso ser para ser considerado "demasiadamente crítico"? Por parte dos bolsonaristas pesquisados, não há resposta única, apesar da tolerância para com a crítica sempre habitar um campo bastante estreito.

Em meio à mitificação da figura de Jair Bolsonaro e ao uso do espaço do grupo para reafirmar valores, notou-se também a carência de discussões propositivas acerca de políticas públicas, algo que se esperaria de um grupo de conteúdo político. Manifestações de apoio ou rechaço a determinadas pautas frequentemente se deram atreladas a figuras como Lula e Bolsonaro. A partir de ações ou falas dessas personalidades, eram feitos comentários positivos ou negativos. Quando apresentavam valoração clara, sempre positivos em relação a Bolsonaro e sempre negativos em relação a Lula. Assim, temas que usualmente ganham destaque em

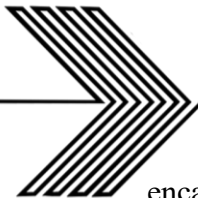


períodos eleitorais, como Educação, Saúde e Desigualdade Social, foram pouco discutidos, e nunca com profundidade. O tema da criminalidade foi levantado uma série de vezes, mas a fim de atrelar Lula à ela e desvencilhar-lá de Bolsonaro. Tal tática também ocorreu sempre de maneira superficial, como apelidando o petista de “luladrão” sem dar explicações.

Por mais que se tratasse de um grupo pró-Bolsonaro, o aspecto anti-Lula, anti-PT e anti-esquerda se fez tão ou mais presente. Como resultado, o grupo foi utilizado como uma espécie de repositório de paixões, seja o amor a Bolsonaro ou o ódio a Lula e à esquerda. Atrelada a essa faceta emocional, a religião se apresentou como elemento chave da lógica expressada pelos usuários. O uso do léxico religioso foi comum nas conversas monitoradas, de maneira que os conceitos de Deus, divino e profano poderiam ser sacados a qualquer momento, em qualquer discussão, num grupo centralizado na política. Lula, nas manifestações dos pesquisados, era frequentemente atrelado ao profano, ao mal maior a ser combatido em nome da preservação da decência humana. Não por acaso, era constantemente atrelado ao crime. Em determinado momento, um usuário falou textualmente em “artimanhas satânicas da esquerda”, corroborando com essa tese.

Acontecimentos que marcaram a campanha eleitoral por vezes foram espetacularizados pela militância bolsonarista, como o uso de um boné com a abreviação CPX, referente a Complexo, por Lula. A simples visita do ex-presidente ao Complexo do Alemão, onde usou o boné, se tornou, na narrativa bolsonarista, um encontro com líderes do tráfico. A suposição enganosa em questão chegou a ser utilizada pelo então candidato Bolsonaro no último debate do segundo turno, na Rede Globo.

O episódio acima descrito, emblemático do modus operandi bolsonarista observado na pesquisa, evidencia a maneira como tal grupo tratou seus oponentes durante a campanha eleitoral de 2022. Independente do assunto em questão, o que praticamente todas as alegações feitas sobre Lula tinham em comum é que consistiam em tentativas de atrelar o petista ao profano e ao caos social. Por outro lado, e também segundo os pesquisados, Bolsonaro seria o mais próximo de um anti-Lula no contexto da eleição, ou seja, ligado ao divino, à moral e aos bons costumes. Nesse sentido, o caráter maniqueísta do que foi expressado pelos bolsonaristas do grupo se faz claro.



encarado como autoritário e inconstitucional. Tal percepção acerca de Moraes e do TSE foi explorada de diversas maneiras, vide charges como as apresentadas abaixo:



Uma série de eventos marcaram a última campanha eleitoral, desde ritos comuns, como a sabatina de presidentiáveis no Jornal Nacional, até casos de estímulo ao autoritarismo, como o dia do bicentenário da Independência e a contestação do resultado do pleito. Alguns episódios despertaram o entusiasmo do grupo de WhatsApp mais do que outros, que não reagiu de maneira absolutamente ordenada em todos eles, mas nunca rompendo com o apoio a Bolsonaro.

Mesmo que o período eleitoral tenha começado oficialmente no dia 16 de agosto, foi no dia 22 daquele mês que a atividade no grupo de WhatsApp despontou. Trata-se do dia da sabatina de Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional, o primeiro candidato a ser entrevistado pelo jornal naquele período eleitoral. Naquele momento, o volume de mensagens se intensificou e seu conteúdo era uníssono: exaltação da figura de Bolsonaro e crítica ferrenha aos que eram vistos como seus opositores, a Rede Globo e os entrevistadores. Foi sugerido que William Bonner e Renata Vasconcellos fossem uma dupla de esquerdistas simpáticos à agenda do candidato Lula. Memes rapidamente tomaram conta da conversa. Fenômeno semelhante ocorreu três dias depois, com a sabatina de Lula. A velocidade com que memes foram produzidos foi notável. Antes que a sabatina do petista fosse encerrada, montagens dos dois jornalistas vestindo bonés do PT já circulavam no grupo.

Outros fatos ocorridos ao longo da campanha fugiram do ordinário em comparação com pleitos anteriores. Foi o caso do bicentenário da Independência do Brasil, no dia sete de



setembro de 2022. Como exposto exaustivamente pela mídia, a data comemorativa foi marcada por atos políticos que nada tinham a ver com o marco histórico. O dia em questão foi marcado por uma série de manifestações bolsonaristas e/ou golpistas em grande parte do país. O grupo de WhatsApp corroborou para com as narrativas expostas. A exaltação à figura de Bolsonaro mesclada a certo ufanismo permeou a plataforma de mensagens com intensidade acima do habitual. Não houveram quaisquer críticas a fatos amplamente criticados na mídia e pela parcela não bolsonarista da sociedade, como o coro de “imbrotável” em Brasília ou dizeres golpistas.

Passado mais de mês, ocorreu o primeiro turno da eleição presidencial. As expectativas dos membros do grupo quanto ao que aconteceria não estavam alinhadas. O clima geral era de franco otimismo, mas seu grau diferia de bolsonarista para bolsonarista. Um deles, por exemplo, acreditava que Deus interviria de modo a garantir a eleição de Bolsonaro. Outra usuária demonstrou apreensão ao longo do processo de contagem dos votos. Por mais que estivesse otimista, temia uma derrota no primeiro turno. Sagrado o resultado, com Lula em primeiro e Bolsonaro em segundo, começaram as teorias conspiratórias, alegações desacompanhadas de fundamentação de qualquer tipo. Alguns disseram que houve a tentativa de fraudar a eleição a fim de dar a vitória em primeiro turno a Lula, o que teria sido evitado pelo exército. Surgiram também acusações de que votos em Lula vinham de brasileiros mortos, configurando fraude.

Na tentativa de justificar o que entendiam como inverossimilhança do resultado, alguns dados foram utilizados como argumentos pelos bolsonaristas. Foi mencionado que a reeleição de Romeu Zema (Novo) ao governo de Minas Gerais acompanhada da vitória de Lula no estado não era factível. Outro membro citou o fato de o PT ter reservado o espaço da Avenida Paulista para a comemoração do resultado como um indicativo de que o partido já via a vitória como garantida, pois teria fraudado a apuração.

A relação do bolsonarismo com a região Nordeste foi evidenciada com o primeiro turno das eleições, com manifestações dúbias. Num primeiro momento, críticas à região dominaram a conversa, com ela sendo chamada de “Cuba do Sul”. Entretanto, foi levantada a questão de que, se as urnas haviam sido fraudadas, não havia razão para culpar o Nordeste de um falso crime. Após esse dia, críticas ao Nordeste se deram de maneira pontual e apenas por alguns usuários, indicando que o tema é espinhoso para o grupo político em questão.



Além da relação do bolsonarismo com o Nordeste, um crime ocorrido durante o período eleitoral também causou ruído na narrativa do grupo de WhatsApp. Trata-se do caso Roberto Jefferson, do dia 23 de outubro de 2022. Até pouco aliado de Bolsonaro, Jefferson praticou atos de violência gravíssima e explícita contra figuras caras ao bolsonarismo, policiais. Jefferson alegou estar se protegendo do autoritarismo do Estado, que estaria cerceando suas liberdades, uma pauta com a qual o bolsonarismo tende a se identificar. Já os policiais foram à residência do ex-deputado a fim de cumprir um mandado de prisão expedido por Alexandre de Moraes, desafeto do bolsonarismo. Os múltiplos ingredientes desse fato foram causa de confusão para os pesquisados. Por um lado, um então aliado de Bolsonaro estava descumprindo uma ordem de Moraes, que cerceava sua liberdade. Por outro, o fez atirando balas e granadas contra guardiões da ordem social, os policiais.

Num primeiro momento, as manifestações foram de apoio ao ex-deputado. Um vídeo de um bolsonarista fluminense convocando seus pares para ir até a casa de Jefferson, defendê-lo, circulou na rede. Tudo indica que a repercussão midiática do episódio, fortemente repudiado quase universalmente devido a seu teor e nível de violência, ocasionou em uma mudança na narrativa. A partir dessa repercussão, o presidente Jair Bolsonaro gravou um vídeo condenando enfaticamente as ações de seu ex-aliado, caracterizando-as como injustificáveis. Há razão para crer que esse posicionamento do presidente foi responsável por calibrar sua base. Uma vez que a posição oficial do líder foi ao ar, o grupo abandonou o assunto. Até então, era o fato do dia.

Encerrando os ritos oficiais referentes à eleição presidencial e uma semana após o caso de Roberto Jefferson, foi conduzido o segundo turno da votação. Antes do fechamento das urnas, a maioria dos membros do grupo que se manifestaram indicaram estar animados com o acontecimento. Como no primeiro turno, mensagens como “Acabo de ir votar. Vocês já foram?” começaram a aflorar, além de algumas fotos de pessoas nas cabines de votação -- o que é proibido pela legislação eleitoral -- e com o então candidato Bolsonaro selecionado. Alguma apreensão chegou a penetrar a rede. Uma usuária enviou um áudio dizendo estar apreensiva e que não sabia o que faria se Lula ganhasse. Outro usuário a tranquilizou, dizendo que esse cenário era impossível.

O grupo se manifestou pouco ao longo da apuração, todos pareciam estar concentrados nela. Entretanto, ao fim da contagem, o tom da conversa se enveredou totalmente. Uma série

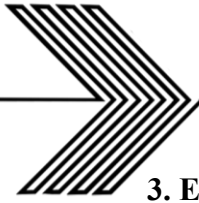


de sentimentos entraram em cena: desilusão, incompreensão, raiva, revolta e, acima de tudo, luto. Eleitores de Lula foram descritos como ignorantes, que não sabiam o que estavam chancelando com seu voto. Ao mesmo tempo, com Lula sendo visto pelo recorte em questão como um criminoso, a ideia de que o crime compensa no Brasil ganhou força, afinal o povo havia eleito um “ladrão” ao cargo mais alto da República. Na noite da eleição, a possibilidade de ter havido fraude eleitoral foi pouco levantada, mas alguns mostraram certeza de que a derrota de Bolsonaro não fazia qualquer sentido sem que uma fraude fosse a explicação.

Tradicionalmente, candidatos derrotados em eleições presidenciais parabenizam o vencedor após a divulgação do resultado. Em 2022, isso não ocorreu. Assim, devido à incerteza a respeito de qual seria a postura de Bolsonaro e, conseqüentemente, de sua base frente ao resultado, a pesquisa se estendeu por mais dois dias, até que o incumbente se manifestasse.

Ao longo desses dois dias, atos golpistas tomaram conta de uma série de estradas e espaços públicos pelo país. Não reconhecendo o resultado das urnas e clamando por uma intervenção federal, bolsonaristas saíram às ruas com a crença de que poderiam influir na sucessão presidencial. A atividade do grupo de WhatsApp teve dois aspectos de destaque nesse período. Em primeiro lugar, parte dos usuários ficou acuada com o recado passado pela eleição, de que sua tendência política não é majoritária. Assim, pararam de se pronunciar na rede e a quantidade de usuários ativos diminuiu. Os falantes que restaram o fizeram em grande medida por aderência à agenda dos atos pelo país. Foram encaminhadas informações sobre o local e horário de eventos golpistas em diversas regiões, além de outras falas de incentivo.

No mesmo recorte temporal, abriu-se um amplo espaço para a concepção de teorias conspiratórias a respeito de qual seria o futuro da Presidência da República. A possibilidade mais assertiva contra a volta de Lula ao poder era de um golpe militar. Circulou a informação de que os militares pretendiam tomar o poder interinamente, até que a situação fosse resolvida, a fim de preservar a ordem. A segunda possibilidade era de que uma prova da suposta fraude seria achada, levada a público e, por consequência, anularia a eleição.



3. Episódio final: o golpismo seguiu vivo sem rechaço do então presidente da República

O dia primeiro de novembro de 2022 marca a conclusão do período de observação. Nesse dia, Bolsonaro se manifestou sobre o desfecho da eleição após atraso de dois dias. Em seu discurso, criticou táticas utilizadas pelos manifestantes de extrema-direita que ele disse se assemelhar às táticas da esquerda. O discurso foi breve, com menos de três minutos, sem entrar em detalhes da eleição ou das manifestações golpistas. Assim como a fala do presidente, a reação do grupo foi pouco expressiva.

Horas antes do pronunciamento de Bolsonaro, um membro enviou o seguinte posicionamento: “Tem que ir às ruas pra fazer o que o povo de 64 fez. O povo de 64 foram as ruas para lutar de verdade pelo Brasil. E não para tirar foto e postar nas redes sociais” (sic); indicando que o apoio aos atos estava em alta. Corroborando com essa tese, outro usuário divulgou sugestões de como a comunicação dos manifestantes deveria ser: “Nosso pedido não pode ser intervenção militar. É para pedir INTERVENÇÃO FEDERAL” (sic); a fim de abrandar o tom dos eventos. O mesmo usuário também recomendou que se falasse em pátria nos atos, não em Bolsonaro, de modo a dar mais credibilidade às demandas apresentadas. Já nas horas que seguiram o pronunciamento de Bolsonaro, poucas mensagens comentando o fato foram enviadas.

De maneira semelhante ao caso Roberto Jefferson, o posicionamento de Bolsonaro não veio em linha com o que estava sendo pregado por seus seguidores, de modo a gerar algum ruído. Entretanto, a percepção do grupo não foi de que sua causa era inválida, até porque Bolsonaro não disse isso. Apenas condenou brevemente a *maneira* como o golpismo estava sendo conduzido. Com isso, as únicas mensagens sobre o pronunciamento enviadas naquele dia foram: “Gente, é verdade que vão liberar a BR? Porque nós temos que continuar lutando pelo nosso direito.” e “Outra sugestão: deixar um corredor, para que transportes com cargas necessárias e urgentes passem sem prejuízos a ninguém”. Com isso, fica evidente que a fala de Bolsonaro não foi suficiente para desmobilizar sua base aguerrida, que não deixou de defender os atos da noite para o dia. Não à toa, pouco mais de dois meses após o fim do período de observação e com Lula já empossado presidente, militantes bolsonaristas invadiram as sedes dos Três Poderes da República, em ato de golpismo escancarado sem precedente desde a redemocratização.



O presente artigo apresenta um viés de análise qualitativa-interpretativa a respeito do que foi observado pelo pesquisador no grupo de WhatsApp. Assim sendo, busca abarcar parte substancial da amplitude do contexto estudado, mas com limitações decorrentes dessa abordagem. Tendo sido analisado um único grupo, a amostragem não é a mais representativa possível do bolsonarismo no WhatsApp. Ademais, a subjetividade do pesquisador teve um importante papel na análise, que não se propôs a apresentar conclusões desprovidas de qualquer subjetividade ou quantificáveis. Desse modo, o artigo pode instigar outras pesquisas que explorem o bolsonarismo no WhatsApp por outros vieses complementares, como análise de conteúdo quantitativa. Pode também servir de ponta-pé para pesquisas com enfoques alternativos, como o papel da religião no bolsonarismo – relação cuja importância é atestada por este artigo. De todo modo, espera-se que o contexto e achados apresentados possibilitem uma melhor compreensão de manifestações da extrema-direita on-line, especialmente aos leitores estranhos a esse meio.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Papirus, 2012.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política, 1994.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995
- MORETZSOHN, Sylvia. A necessidade e as dificuldades do jornalismo no contexto de crise das instituições epistêmicas. **Líbero**, São Paulo, n° 49, p. 43-60, 2021
- NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018, 2020
- RATIER, Rodrigo. **Império Opaco**: mapeamento da Expansão da Rede Bolsonarista no WhatsApp. Verbum, 2020.
- RATIER, Rodrigo. **Pedagogia da ameaça**: uma análise dos padrões comunicativos de socialização no WhatsApp bolsonarista. *Revista Espaço Pedagógico*, 2021.
- SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, T. **Quando velhos atores saem de cena**: a ascensão da nova direita política no Brasil. Colombia Internacional, 2019.
- SANTOS, João *et al.* WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 41, n. 2, p. 307-334, maio/ago. 2019.
- STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo**: a Política do “Nós” e “Eles”. Porto Alegre: Editora. L&PM, 2018.